Jornal some e deixa UFSC cabreira

O único exemplar conhecido da primeira edição do primeiro jornal do estado, *O Catharinense*, de 1831, foi roubado do setor de Obras Raras da Biblioteca Central da UFSC há três anos e o fato foi mantido em segredo até agora.

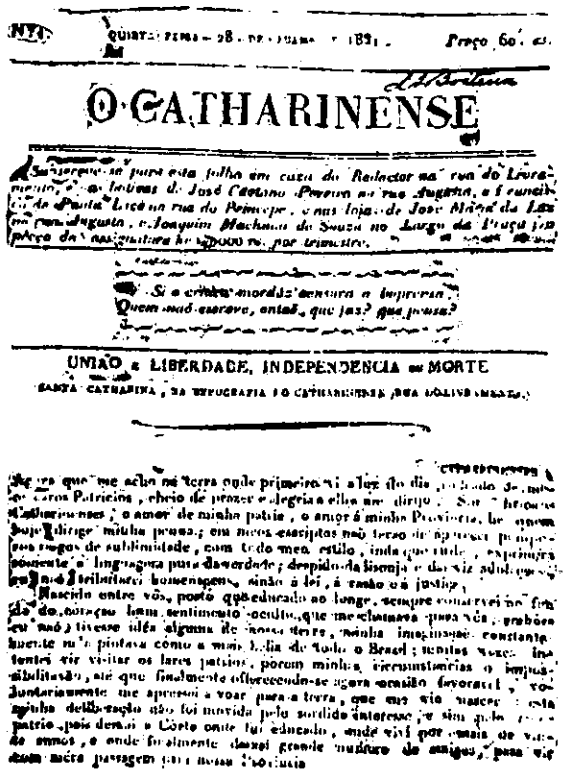
Mesmo se tratando da principal peça da coleção de Obras Raras, a falta do jornal não foi notada pelo público porque os interessados só o viam em microfilme. Com seus 161 anos completados no dia 28 de julho, o original não podia ser manuseado. O papel, fragilizado pelo tempo, se desmancharia com facilidade.

A hipótese de que a ausência do jornal tenha passado despercebida pelos funcionários é negada por Valadares Alves de Oliveira, que trabalha na Biblioteca há sete anos: " o desaparecimento do jornal foi propositadamente ocultado". Outra funcionária, Marlei Martins, 15 anos de casa, confirma a versão de Valadares.

Ambos afirmam que a então responsável pelo setor, Narcisa de Fátima Amboni, mulher do editor de opinião do *Diário Catarinense*, Laudelino Sardá, sabia do roubo desde o começo. Narcisa, afastada da Biblioteca há um ano para fazer pós-graduação em Administração de Empresas, nega que o roubo tenha acontecido durante a sua gestão.

O certo é que o jornal desapareceu e que tal fato não se tornou público. Até a atual diretora da Biblioteca, Maria Ghizoni, no cargo desde o começo deste ano, surpreendeu-se com a informação e foi pessoalmente constatar sua veracidade.

A sala de Obras Raras fica sempre chaveada e os poucos visitantes - cinco por semana, em média - são acompanhados por um funcionário durante toda a permanência no local.



QUINTA-FEIRA — 28 DE JULHO DE 1831. Preço 60 rs.

O CATHARINENSE

Si a critica mordaz, censura a imprensa,
Quem mais escreve, então, que faz? que pensa?

UNIÃO e LIBERDADE, INDEPENDENCIA ou MORTE

SANTA CATHARINA, NA TYPOGRAPHIA DO CATHARINENSE, POR GONÇALVES MARTINS.

Atestados de óbito estão entre as obras raras

A seção de Obras Raras da Biblioteca Central da UFSC foi fundada em 1981. São quase 500 livros, além de jornais, revistas, álbuns ilustrados e documentos, que registram a história de Santa Catarina,especialmente da capital, desde o início do século XVIII.

O acervo, na maior parte doado por famílias tradicionais de Florianópolis, atrai cerca de 20 visitantes por mês, entre historiadores, pesquisadores e escritores. "É uma excelente fonte de informação, com obras de valor inestimável", testemunha o escritor Iponan Soares, diretor-geral da Fundação Catarinense de Cultura.

O movimento só não é maior porque muita gente, mesmo freqüentadores assíduos da Biblioteca, ignora a existência da seção. A sala fica numa parte pouco visitada do andar térreo (junto à literatura catarinense) e o acesso às raridades é controlado - os títulos são escolhidos no fichário e as obras, cujo empréstimo é proibido, manuseadas apenas com a autorização de um funcionário.

No setor de Obras Raras, não há trabalho nem de restauração, nem de prevenção. O único cuidado efetivo com a conservação do acervo é a climatização da sala - temperatura entre 18 e 20 graus e umidade relativa do ar constante. Não são usados produtos químicos e, por falta de recursos, apenas os jornais estão microfilmados.

Muitas curiosidades podem ser encontradas entre as Obras Raras, como os atestados de óbitos da capital no fim do século passado e as respectivas *causa-mortis*: "apressado", "danado", "de um dente que tirou", "esborrachado no engenho", "embruxado","mal feio", "moléstia na cabeça", "porretada", "queixa do peito". Naquele tempo havia quem morresse até de "dor no umbigo".

Imprensa catarinense fica de quatro

Em 1831, quando *O Catharinense* foi fundado, outras províncias já tinham jornais: Rio de Janeiro (desde 1808), Bahia (1811), São Paulo (1817), Minas Gerais (1823), Pernambuco (1825), Rio Grande do Sul (1827) e Goiás (1830). O primeiro jornal do Brasil, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, foi fundado para atender aos interesses da família real portuguesa recém-chegada. Muitos historiadores destacam, entretanto, o pioneirismo de Hipólito da Costa, patrono da imprensa nacional, que naqueles tempos de censura já fazia circular nas principais vilas do Brasil o seu *Correio Braziliense*, editado em Londres.

No ano seguinte ao surgimento de *O Catharinense*, foram lançados no Desterro *O Benfazejo* e *O Expositor* (também ligado à *Sociedade Patriótica*), que tiveram vida curta. Depois de alguns anos, em 1845, nasceu um novo jornal, *Relator Catarinense*. Daí em diante, novos títulos passaram a ser lançados com maior frequência. Em 1861, o *Argos da Província de Santa Catarina*, jornal conservador fundado cinco anos antes, passou a ser o primeiro diário catarinense.

No norte do Estado, haviam jornais escritos em alemão, como *Kolonie Zeitung* (Joinville, 1862) e o *Blumenauer Zeitung* (Blumenau, 1883). No Desterro, *O Abolicionista* foi fundado em 1864 para defender a libertação dos escravos. Com a República, os principais jornais catarinenses da época, *O Conservador* e *Regeneração*, defensores da monarquia, fecharam as portas.

Na virada do século, a capital foi invadida por uma série de publicações classicistas, literárias e humorísticas de curta duração: *O Operário, O Estudante, O Trovão, A Violeta, A Idéia, O Mosquito, O Gato, O Dente, O Ronco, Oh! Ferro!!*. Em 1910, *O Dia* e *A Gazeta Catarinense*, jornais essencialmente partidários, enfrentavam a concorrência da *Folha do Comércio*, "redigida por um jornalista que se há imposto pelo talento e pelas qualidades que o recomendam como um lutador: Crispim Mira".

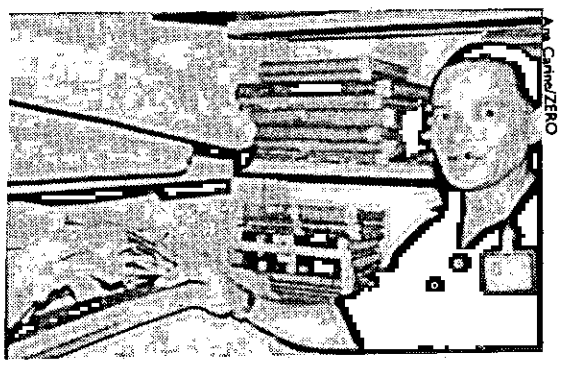
Quase vinte anos depois, Crispim Mira foi assassinado em sua mesa de trabalho *Folha Nova*. "A história real sobre a vida e a morte de Crispim Mira é matéria rica para investigação", diz o jornalista Moacir Pereira em seu mais recente livro, *Imprensa e Poder - A Comunicação em Santa Catarina*. O autor compara a pouca importância dada ao episódio com o descaso histórico reservado à chacina dos opositores de Floriano Peixoto, no final do século passado, na Ilha de Anhatomirim.

Em 1915 foi fundado *O Estado*, o mais antigo diário de Santa Catarina ainda em atividade. Em Joinville, surgiu *A Notícia*, um jornal simpatizante da ideologia nazista - na década de 30, eram raras as suas edições que não traziam foto de Hitler. Em 1935, o jornal recebeu um telegrama do ministro da propaganda do *Reich*, Joseph Goebbels, agradecendo o apoio.

Nos anos 40 e 50, a imprensa catarinense começou a adquirir características mais empresariais, embora os principais jornais estivessem ainda atrelados a partidos políticos. *O Estado*, de Rubens de Arruda Ramos, *O Diário da Tarde*, de Adolfo Konder, e *A Verdade*, de Manoel de Menezes, eram verdadeiros palanques do PSD, UDN e PTB, respectivamente.

Na década de 60, o jornal com maior circulação em Santa Catarina era o *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Impressos no litoral, os jornais do Estado tinham dificuldade em chegar ao oeste. A falta de grandes concentrações populacionais e a distância da capital causavam, em certas regiões, forte influência dos estados vizinhos. Estas dificuldades, embora amenizadas, permanecem até hoje.

A imprensa catarinense passou por transformações gráficas e técnicas na década de 70, principalmente com o lançamento do *Jornal de Santa Catarina* em Blumenau. Temendo a concorrência, *O Estado*, de Florianópolis, e *A Notícia*, de Joinvillle, modernizaram seus equipamentos. Em 1986, foi fundado na capital o *Diário Catarinense*, o primeiro jornal totalmente informatizado do país, que logo alcançou a maior tiragem entre os jornais catarinenses. Esses quatro jornais - *O Estado, A Notícia, Jornal de Santa Catarina e Diário Catarinense* - são atualmente os principais do Estado. Em julho, a Rede Brasil Sul, dona do *Diário Catarinense*, comprou o *Jor-*



Jim Carter/ZERO

O funcionário Valadares acredita que encobriram o sumiço

nº 2 Ano X 26/10/92